

ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS: DISCUTINDO SUA FUNÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O APRENDIZADO DE UM IDIOMA ESTRANGEIRO

Katarina Queiroga Duarte (PROLICEN/UFPB)*
Betânia Passos Medrado (UFPB)

INTRODUÇÃO

Com a implementação de um novo currículo para o curso de Letras-Línguas Estrangeiras da UFPB, o nível mínimo de proficiência que deve ser exigido do aluno ao ingressar nessa graduação específica tem sido alvo de debates entre professores do língua inglesa do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. As disciplinas da nova grade demandam dos alunos certo domínio do idioma estrangeiro, haja vista as especificidades das disciplinas que são, a partir da segunda metade do curso, ministradas inteiramente na língua alvo. Pensando em contribuir para as discussões voltadas para essa problemática, esta pesquisa vincula-se ao projeto *Política Educacional e Ação em Sala de Aula: Percursos de Professores de Língua Inglesa* (PROLICEN), e tem por objetivo refletir sobre estratégias metacognitivas que alunos do Curso de Graduação explicitaram ao fazerem relatos sobre seu processo de aprendizagem. Assim, duas perguntas norteiam este trabalho: a) Os alunos de Graduação demonstram fazer uso de determinados tipos de estratégias metacognitivas?; b) De que modo esse uso é manifestado nas vozes dos alunos?

Esperamos, dessa forma, fornecer subsídios para a reflexão sobre o perfil desse grupo e para as futuras ações dos professores envolvidos nas disciplinas ofertadas pelo Curso.

1. ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

As estratégias de aprendizagem exercem um papel fundamental no âmbito da aquisição do conhecimento e, através dessas, o aprendiz pode, ou não, atingir o sucesso desejado. Também no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, a necessidade de inserção do aluno em situações autênticas demanda que este desenvolva habilidades diferentes para que o seu aprendizado o conduza a uma competência comunicativa.

As mudanças provocadas na sociedade pela tecnologia nos dias atuais, por exemplo, leva o professor a expor o seu aluno a tarefas que o ajudem a lidar com essa nova realidade. As estratégias são consideradas, por muitos pesquisadores hoje no Brasil (LEFFA, 1994; FIGLIOLINI, 2004; PAIVA, 2007), como elemento fundamental na relação que o aluno mantém com a língua-alvo e sua cultura. Nessa linha de raciocínio, tomamos como premissa para este trabalho o fato de que as estratégias são passos que os próprios alunos trilham a fim de melhorar a sua aprendizagem (OXFORD, 1989). Elas atuam como ferramentas ativas e essenciais para o desenvolvimento de uma proficiência lingüística, uma vez que ao fazer uso de determinadas estratégias, o aluno se torna consciente e também responsável pelo seu próprio aprendizado, assumindo uma postura mais ativa diante do processo de construção do conhecimento.

Segundo Wenden (1987 apud FIGLIOLINI, 2004), podemos caracterizar as estratégias de aprendizagem como sendo ações que são

- específicas e direcionadas à resolução de problemas;

* Aluna voluntária do Projeto *Política Educacional e Ação em Sala de Aula: Percursos de professores de língua inglesa*.

- observáveis (como a iniciativa de fazer uma pergunta ao professor), ou não (associações mentais);
- que contribuem, direta ou indiretamente, para o processo de aprendizagem;
- que podem ser usadas de forma consciente ou inconsciente;
- passíveis de mudança.

A partir dessa concepção de estratégia, alinhamo-nos ao pensamento da pesquisadora Rebecca Oxford (1989), cujos estudos sobre estratégias de aprendizagem continuam servindo de reflexão para que consideremos as mesmas como ferramentas ativas e essenciais para o desenvolvimento de uma proficiência lingüística.

Oxford (1989) advoga a existência de diferentes estratégias, organizadas em seis subgrupos, que se interconectam e interagem. A autora sugere, então o seguinte esquema:

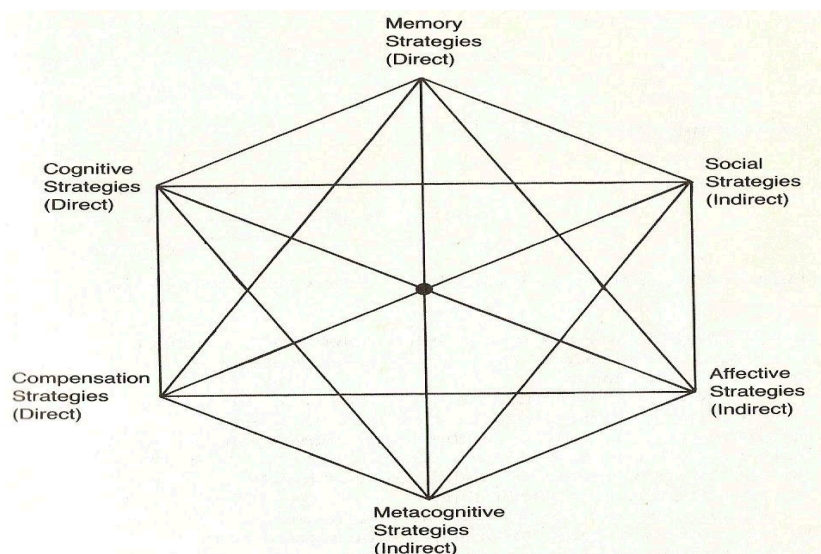


FIGURA 1 – Estratégias de aprendizagem (Oxford, 1989)

Como podem ser visualizadas na figura acima, as estratégias de aprendizagem são classificadas em diretas e indiretas. As diretas são as estratégias de memória, as cognitivas e as de compensação. As estratégias indiretas são classificadas em sociais, afetivas e metacognitivas, como detalhamos no quadro abaixo:

Estratégias Diretas	de memória cognitivas de compensação
Estratégias Indiretas	Sociais afetivas metacognitivas

QUADRO 1 – As estratégias de aprendizagem

A estratégia de memória pode ser considerada uma estratégia de armazenamento, principalmente, de novas informações, e pode ser ativada de várias maneiras, como por exemplo, quando criamos *links mentais* no momento em que estamos expostos a vocábulos novos. A estratégia cognitiva é de fundamental importância no aprendizado de uma língua estrangeira, uma vez que é utilizada na compreensão de novas estruturas e acionada várias vezes durante a exposição a um novo conteúdo ou atividade. A estratégia de compensação é,

geralmente, ativada quando o aluno se arrisca na produção do idioma, interagindo com outrem, mesmo sem um conhecimento profundo da língua estrangeira.

Na estratégia metacognitiva, também chamada por alguns autores de estratégia de organização, o aluno vai além da cognição, organizando, planejando, centralizando e avaliando aquilo que aprende. O estado emocional, a motivação e os valores são relevantes no aprendizado de uma LE, e é através da estratégia afetiva que se dá, ou não, a diminuição da ansiedade e o controle de temperamento. Por último, a estratégia social como o próprio nome nos faz inferir acontece através da interação com um outro indivíduo.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa tem cunho, predominantemente, qualitativo. O *corpus* é composto por entrevistas semi-estruturadas e realizadas com dezesseis (16) participantes voluntários de três períodos (2007.1, 2007.2 e 2008.1) do curso de licenciatura em Letras - Inglês da UFPB. A entrevista foi elaborada a partir de 07 perguntas (vide Anexo A). No entanto, outras questões foram incorporadas à medida que os pesquisadores sentiam a necessidade de dirimir dúvidas ou ampliar as respostas.

Faz-se relevante mencionar que a análise se concentra no discurso dos alunos. Sendo assim, não nos interessou a averiguação, através de observação em sala de aula, das estratégias explicitadas pelos alunos em seus relatos. Estamos trabalhando na perspectiva da análise das vozes desses alunos e como eles representam o seu processo de aprendizagem a partir do que *dizem* que fazem.

A princípio, procuramos identificar, sem a preocupação de classificar, todos os momentos de fala dos alunos que sugeririam comportamentos/ações relacionados à resolução de problemas no processo de aprendizagem. Em um segundo momento, começamos a relacionar as ações (*assistir filme e tirar a legenda*, por exemplo) às estratégias já mencionadas.

Foram identificadas, no total, 51 estratégias de aprendizagem nas vozes do grupo entrevistado. Os alunos, ao relatarem suas experiências como aprendizes de língua inglesa, demonstraram fazer uso de estratégias metacognitivas (24 ocorrências); estratégias cognitivas (16 ocorrências); estratégias de compensação (6 ocorrências); estratégias sociais (4 ocorrências) e, com apenas 01 ocorrência, foi evidenciado o uso de estratégia afetiva.

Com exceção de 02 alunos, todos os demais alunos entrevistados evidenciaram, em algum momento da interação com os pesquisadores, fazer uso de estratégias metacognitivas, o que nos levou à constatação de que essas são as estratégias mais utilizadas pelos alunos para desempenharem o seu papel de aprendiz, procurando, sobretudo, superar as dificuldades que, porventura, tenham nas disciplinas de língua.

É importante ressaltar, no entanto, que não identificamos nenhuma estratégia de memória (Figura 2 a seguir):

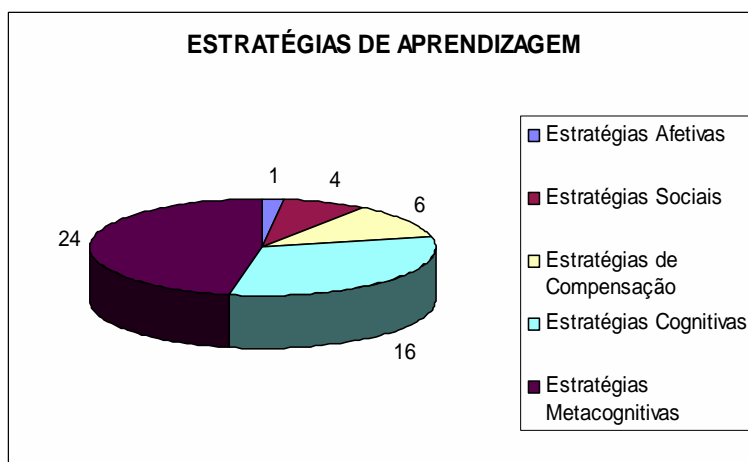


Figura 2 – Estratégias identificadas nas vozes dos alunos

A título de exemplificação, listamos abaixo algumas estratégias identificadas nos discursos dos alunos:

Estratégias cognitivas	Aluno/Período
<i>Assistir filmes no idioma original</i>	Aluno 1 / Período 1
<i>Escutar música</i>	Alunos 2, 3 e 7 / Período 1 ¹ Aluno 4 / Período 2 Aluno 13/ Período 3
<i>Fazer também as lições</i>	(Aluno 4 - Período 2)

As ações acima foram classificadas como *cognitivas*, uma vez que todas envolvem a manipulação e a transformação da língua no nível mental. Em outros momentos, os alunos disseram realizar outros tipos de ações que foram consideradas como *de compensação*.

Estratégias de compensação	Aluno/Período
<i>Aprender com a tentativa.</i>	Aluno 12/ Período 3
<i>Pegar uns livros para tentar entender alguma coisa do cotidiano.</i>	Aluno 2 / Período 1
<i>Arriscar –se</i>	Aluno 11/ Período 3

Já não discutimos mais hoje a importância da participação do aluno em sala de aula, e o seu engajamento em atividades interativas na e fora da sala de aula como uma forma de melhorar a sua proficiência lingüística. Entretanto, as estratégias sociais que apontam para o fato de que aprendemos com os outros (Vygotsky, 2000) não foram tão recorrentes nas vozes dos alunos. Como afirmamos anteriormente (veja figura 2), apenas 4 alunos fizeram menção às estratégias sociais. Vejamos dois exemplos:

Estratégias sociais	Aluno/Período
<i>Tentar conversar.</i>	Aluno 10 / Período 1
<i>Comunicar-me o máximo possível.</i>	Aluno 14 / Período 3

Houve apenas uma única ocorrência de estratégia considerada afetiva que, como vimos, diz respeito ao estado emocional do aprendiz:

Estratégia afetiva	Aluno/Período
<i>Envolver-me com a aula</i>	Aluno 4 / Período 2

A frequência (26 ocorrências) observada pelas pesquisadoras no que concerne às estratégias metacognitivas demonstra que esse grupo específico de alunos direciona o seu

¹ Muitas das estratégias foram mencionadas por diferentes alunos, como podemos verificar nos fragmentos de fala exemplificados ao longo do texto.

processo de aprendizagem para além da mobilização de aspectos cognitivos, haja vista que, ao *agir metacognitivamente*, o aprendiz se mostra consciente e capaz de monitorar o processo de aprendizagem. Vejamos alguns exemplos:

Estratégias metacognitivas	Aluno/Período
<i>Aplicar o que eu to aprendendo na prática.</i>	Aluno 10 – Período 1
<i>Prestar muita atenção.</i>	Aluno 1 - Período 1
<i>Aproveitar a internet da universidade pra tirar dúvidas e achar coisas na internet em casa.</i>	Aluno 5 - Período 2
<i>Ler com antecedência tudo que seria ministrado.</i>	Aluno 9 – Período 1
<i>Pesquisar os temas das aulas.</i>	Aluno 12 – Período 3
<i>Expor as dúvidas e converso com o professor sobre as dificuldades</i>	Aluno 16 – Período 3

Em trabalho anterior (DUARTE *et. al.*, 2008), apontamos para o fato de que uma parcela significativa dos alunos dos períodos mencionados neste trabalho, ao ingressar no curso de Letras com habilitação em língua inglesa, acreditava que iria, de fato, aprender o idioma ou, pelo menos, melhorar sua competência no idioma estrangeiro. Um dos alunos asseverou que estava no curso para *aprender* inglês com o intuito de melhorar sua carreira profissional (outra, que não aquela de professor) porque não objetivava lecionar.

É importante salientar que, ao apresentarem em seu discurso estratégias metacognitivas, os alunos parecem se aproximar de uma postura autônoma com relação ao seu aprendizado, “[...] uma vez que estas são estratégias essenciais nesse processo, visto que a metacognição está inserida em um contexto no qual o auto-conhecimento é peça indispensável no círculo cognitivo” (DUARTE *et. al.* op. cit).

Entendemos que, quanto mais consciente o aluno está dos caminhos que pode percorrer para facilitar a construção de conhecimentos, mais facilmente ele pode chegar ao sucesso. Sabemos que as escolhas individuais estão relacionadas às necessidades de cada aprendiz, além do que, a liberdade de opções favorece uma aprendizagem mais efetiva. As ações realizadas pelos alunos, ou seja, as estratégias de aprendizagem, quando focadas em objetivos específicos (*ler com antecedência, pesquisar, assistir filmes na língua original, expor dúvidas*, entre outros), atingem diretamente o problema a ser solucionado, permitindo um maior domínio sobre os conhecimentos construídos em sala de aula e fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como constatado em estudo anterior (DUARTE *et al.* 2008), apesar de alguns alunos sentirem dificuldades nas disciplinas de língua inglesa, a maioria do grupo entrevistado busca superá-las de maneira consciente, ou seja, fazendo uso de *estratégias metacognitivas*.

Com isso, a nossa pesquisa alinha-se a trabalhos já realizados (PAIVA, 2004, 2007; FIGLIOLINI, 2004), e reafirma que alunos que fazem uso de um maior número de estratégias de aprendizagem demonstram possuir uma maior autonomia em relação ao seu aprendizado.

Voltando às questões que motivaram esta investigação, constatamos que os alunos entrevistados, de fato, demonstram fazer uso de determinados tipos de estratégias metacognitivas. Essas estratégias estão manifestadas através de ações que direcionam o aluno para além da cognição, ou seja, o aluno não apenas *faz as lições, escuta música* ou *assiste filmes*. Ele está envolvido com o aprendizado, transformando ações de compreensão e produção

da língua em ações de monitoração do seu aprendizado. Assim, o aluno, *lê com antecedência, pesquisa, tira dúvidas na internet e com o professor*.

Resta, então, ao professor, o desafio de tirar proveito dos usos que os alunos fazem de tais estratégias, buscando otimizar o trabalho com a língua estrangeira. É uma necessidade premente conscientizar os alunos das várias ações que podem ser implementadas no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Dessa forma, ganhamos todos: alunos e professores.

REFERÊNCIAS

- DUARTE, Katarina; MEIRELES, Larissa; SALES, Glaucia. *O discurso da autonomia de alunos de Graduação em Letras*. Anais do Colóquio de Análise do Discurso, UFPE, 2008.
- FIGLIOLINI, Márcia Cristina Rocha. A utilização de estratégias de aprendizagem de compreensão oral em LE no curso de Letras. In. :CONSOLO, D. A.; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H.(Org). *Pesquisas em Linguística Aplicada*. São Paulo:Editora da Unesp, 2005. pp. 109 – 125.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LIMA, M. S. A Autonomia do Aluno de Língua Estrangeira e a Correção de seus Erros. In: ROTTAVA, Marília dos Santos Lima. *Linguística Aplicada*. Pelotas:UCPEL, 2002. pp. 206 - 223
- LOWES, Ricky; TARGET, Francesca. *Helping Students to Learn – A guide to learner autonomy*. Richmond publishing Londres, 1998.
- OXFORD, Rebecca. *Language Learning Strategies*. New York: Newbury House Publishers, 1989.
- PAIVA,V. L. M. O. *Autonomia e complexidade: Uma análise de narrativas de aprendizagem*, 2004.
- PAIVA, V.L.M. *Práticas de Ensino e Aprendizagem de Inglês com Foco na Autonomia*. Campinas: Pontes Editores, 2007. 2ª ed.
- VYGOTSKY, Lev. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANEXO A**Perguntas que foram feitas aos alunos durante entrevista**

1. Por que você escolheu o curso de Licenciatura em Letras- Inglês?
2. Você tem sentido alguma dificuldade em acompanhar as aulas das disciplinas de Língua Inglesa? Se sim, quais?
3. O que você faz na sala de aula para melhorar a sua aprendizagem? E fora da sala de aula?
4. Quão responsável você se sente em relação ao seu aprendizado?
5. Você acha que está cumprindo com o seu papel de aprendiz? Por quê?
6. O que falta para você se sentir mais satisfeito (a) com o seu processo de aprendizagem?
7. Quais espaços ou recursos você utiliza na Universidade em favor do seu aprendizado?